



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

Poesia e autoria: a voz que fala no eu-lírico

Valéria Silveira Brisolara
Doutora em Letras
UniRitter
valeria_brisolara@uniritter.edu.br

Roberto Medina
Mestre em Letras
UniRitter
Prof.medina@uniritter.edu.br

Resumo: Muito se têm estudado questões ligadas à autoria, mas percebe-se claramente a ausência de estudos relacionando a questão da autoria e a poesia. Na análise do discurso, principalmente a de linha francesa, estudos baseados em Pêcheux têm lidado com a questão da autoria enfatizando discursos do cotidiano. Já na teoria da literatura, os estudos concentram-se na área da prosa, refletindo sobre a autoria nos diferentes tipos de narrativa. Entretanto, há quase que uma total ausência de estudos relacionando autoria e poesia. Um dos raros estudos sobre o tema é realizado por Dominique Combe embora o autor não use explicitamente o termo autoria. Nas suas próprias palavras, a sua proposta é discutir a questão do eu-lírico e a sua relação com o autor. Tomando as discussões propostas por Combe como ponto de partida, e retomando estudos sobre autoria desenvolvidos ao longo das últimas décadas (BARTHES, FOUCAULT, BURKE), objetivo deste artigo é discutir questões relacionando autoria e poesia, remetendo ao conceito de eu-lírico, e, assim, tecer considerações iniciais sobre o tema. Espera-se contribuir com os estudos relacionados ao tema, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

1 Introdução

Muito se têm estudado questões ligadas à autoria, mas percebe-se claramente a predominância de estudos sobre as questões ligadas à autoria em duas áreas: a análise do discurso e a teoria da literatura. Na análise do discurso, principalmente a de linha francesa, estudos baseados em Pêcheux têm lidado com a questão da autoria enfatizando discursos do cotidiano. Já na teoria da literatura, os estudos concentram-se na área da prosa, refletindo sobre a autoria nos diferentes tipos de narrativa. Há quase que uma total ausência de estudos relacionando autoria e poesia. Um dos raros estudos sobre o tema é realizado por Dominique Combe embora o autor não use explicitamente o termo autoria. Nas suas próprias palavras, a sua proposta é discutir a questão do eu-lírico e a sua relação com o autor. Tomando as



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

discussões propostas por Combe como ponto de partida, o objetivo deste artigo é discutir questões relacionando autoria e poesia.

Combe, logo nas primeiras linhas de “A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e autobiografia”, lembra que: “Por definição, no discurso literário, tanto poético como romanesco, o autor como pessoa está ausente, e o “eu” é um puro sujeito da enunciação.” (2009-2010, p. 115) Combe ainda completa que, nesse caso, “só pode haver distinção entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado”, ou seja, o autor empírico estaria completamente fora do jogo. Tomando esse posicionamento como ponto de partida, Combe resolve discutir como fica o eu-lírico com relação a essa questão. E é esse o ponto que nos chamou a atenção e que decidimos retomar, a partir do posicionamento de Combe.

2 A Referência Desdobrada

Na narrativa, há sempre um sujeito que conta uma história. Esse narrador tem suas origens no gênero épico; no entanto, frequentemente esquece-se que o narrador é uma personagem. É uma construção assim como a história que conta. É senso comum que esse narrador tem diferentes maneiras de posicionar-se com relação à história que conta e criaram-se categorias para explicar essa relação entre narrador e narrativa: narrador intradieético, extradieético, retrospectivo, etc. No caso das narrativas em primeira pessoa, que se acredita serem as predominantes no momento atual, há uma tendência forte em colar autor, narrador e personagem. Essa tendência assemelha-se ao que acontece na poesia, em que o eu-lírico é frequentemente equiparado ao autor. Cabe perguntar: não seria o eu-lírico semelhante a um narrador, uma personagem, uma construção? Combe dedica-se a essa questão. A pergunta que se ouve é: Como fica a autoria na poesia? Quem é a voz que fala ao leitor na poesia?

Combe traça a história do conceito de eu-lírico desde sua criação nos estudos de teoria da literatura. Lembra que o termo eu-lírico indica sua origem: eu e lira, ou seja, o vocábulo “lírico” surge do latim lyricus, e encontra-se associado a um instrumento musical, a lira, cujo objeto foi muito utilizado pelos gregos no período clássico. Assim, o “eu-lírico” seria o eu que fala com a lira, ou até, através da lira. Embora entendamos que seja uma construção textual, tal como o narrador de uma narrativa, a figura do eu-lírico dirige, no entanto, a atenção sobre o sujeito real de quem falaria. Qual a relação entre poesia e esse sujeito que fala?

Hegel acreditava que era o autor que falava na poesia. É claro que se referia à poesia de sua época, à poesia romântica em que o poeta deveria expressar seus sentimentos sendo qualquer poema a expressão dos sentimentos mais íntimos dos poetas. Vale lembrar que o romantismo é



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

anterior à psicanálise e ainda “pressupõe a transparência do sujeito.” (COMBE, 2009-2010, p. 115).

A esse respeito, Combe também identifica que é uma ideia normalmente difundida de que a poesia tem por vocação exprimir sentimentos (2009-2010, p. 115). Ainda espera-se que a voz que fala seja a voz do autor, como se espera que nos sonetos de Shakespeare seja a voz do próprio. Por isso, fazem-se conexões e aproximações com a vida empírica do poeta. Emergem todos os tipos de suposições. Chegou-se ao extremo de discutir a sexualidade de Shakespeare a partir de sua poesia, porque a voz que falava no seu poema dirigia seu afeto a uma figura masculina.

Combe lembra-nos da afirmação de Schlegel de que “a poesia lírica é expressa em nome do próprio autor”, em oposição à épica e ainda que “não é mais em um personagem que o poeta se transforma, é nele mesmo” (apud COMBE, 2009-2010, p. 115). Aqui está o ponto crucial. O ponto chave do jogo. O ponto que poderíamos chamar de autoficcionalização do poeta. Que voz fala? São vozes que falam, vozes discursivas, em que uma predomina.

Podemos repetir a pergunta que Barthes faz na introdução do célebre texto “Morte do Autor”. Nesse texto, Barthes questiona quem fala no conto “Sarrasine” de Balzac. Poderíamos perguntar, de forma simular, quem fala na lírica, em um poema, como do poeta Manuel de Barros.

No caso de Walt Whitman, quando o poema apresenta: “Eu sou imenso, há multidões dentro de mim”. Esse eu não é necessariamente o autor, mas talvez fosse como o autor se sentia naquele momento, ou talvez nem o sentisse assim, mas era isso que queria dizer ou escrever, ou talvez até nem soubesse por que fez tal afirmação. Quem é esse eu que fala?

Entretanto, é inegável que essa voz ou essas vozes precisam do corpo e da experiência do sujeito empírico para a criação poética. Combe cita Dilthey, quando afirma que: “O conteúdo de um poema [...] encontra seu fundamento na experiência vivida do poeta e no conjunto de ideias encerrado nela. A chave da criação poética é sempre a experiência e sua significação na experiência existencial” (2009-2010, p.118).

Combe ainda relembra que Margarete Susman, ainda em 1910, defende a tese de que o eu-lírico é uma máscara por trás da qual se dissimula o autor (apud COMBE, 2009-2010, p. 118). Ela afirmaria que o eu lírico não é um eu-empírico, mas uma criação, uma forma mítica. Combe também traz o argumento de Hugo Friedrich que faz uma oposição entre sujeito lírico e sujeito empírico, baseada em Mallarmé. E ainda o exemplo que Rimbaud. Esses dois poetas seriam essenciais à questão, pois já discutiam esse tema em suas poesias.

O eu-lírico é uma voz, a voz que fala na poesia, e, como tal, é construção. Qual a relação entre essa voz e o corpo do autor? E a categoria denominada de autor-empírico na poesia? O que parece interessante não é



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

fechar a questão, mas prestar atenção do jogo, na tensão, que se instala entre esses sujeitos, o eu-lírico e o eu-empírico tendo como arena a poesia.

Hoje sabemos que por mais que digamos eu, esse eu é uma construção como a psicanálise nos mostrou. O eu que fala não é o eu com existência no real, que nos é inacessível. O eu que fala é o sujeito do inconsciente. Assim, o eu-lírico, enquanto eu que fala na poesia, também não escapa à ficcionalização.

Para Combe, o sujeito lírico não se opõe tanto ao sujeito empírico, já que precisa dele, de suas experiências e de sua mão, mas o que é problemático seria o sujeito autobiográfico, ou seja, estabelecer uma relação direta com a vida do autor. Não temos controle total sobre o que escrevemos ou falamos, às vezes, as palavras nos escapam. Da mesma forma, escapam ao controle de nossa mão. Às vezes esse eu que fala pode ser mais próximo ao eu-empírico e às vezes mais distante

Para Combe, a questão que deve ser colocada é por que o leitor ainda continua identificando o sujeito da enunciação ao poeta como pessoa? (2009-201, p. 122) Essa pergunta não tem resposta fácil. Mas pode ser respondida por uma série de inferências. O autor identifica como uma possível causa o modelo romântico mencionado anteriormente em que a poesia lírica é ligada ao poeta, ou seja, o tipo de pacto estabelecido com o leitor, que parece ser o de que o eu que fala é uma pessoa, um sujeito empírico, ligando poesia à biografia, a uma vida.

No caso da ficção parece mais fácil diferenciar as coisas, pois parece haver um pacto ficcional e não autobiográfico. O leitor parece estar mais preparado para separar o eu da narrativa do autor por trás da narrativa. As expectativas que parecem ligar leitor e voz são outras. Essas expectativas são certamente ligadas à historiografia literária e a elementos paratextuais que relacionam obra e autor. Autores como Roger Chartier já discutiram esses aspectos em suas obras e chamaram atenção para conceito de obra. Outros autores, como Barthes, Foucault e Burke chamaram atenção para a necessidade de atribuição que temos enquanto leitores com relação a uma obra literária. Burke (2011), em especial, retoma essa questão referindo ao quanto é insuportável a leitura de um texto sem saber a quem atribuí-lo.

Quando Barthes e Foucault falam de autor, falam de sujeito da enunciação, de uma categoria e não uma pessoa. O autor-empírico, assim como o poeta, existe e escreve. Mas não é sua voz que ouvimos. A partir desse ponto, é que se abandonam questões relacionadas à intencionalidade do autor, pois se ela existe, não podemos chegar a ela devido à sua refração. Essa intencionalidade estaria em constante devir, por isso, pode ser substituída por intenção do texto, intenção do leitor, ou melhor, por um jogo de intenções, um embate.



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

Precisamos pensar no conceito de sujeito que para a psicanálise é o ser humano submetido às leis da linguagem que o constituem e manifestam-se de forma privilegiada nas formações do inconsciente, tais como lapsos, atos falhos, sonhos, e até sintomas. Só há sujeito do inconsciente. Da mesma forma, para Derrida, "escrever é retirar-se". A escrita seria um procedimento de emancipação da linguagem de si mesmo, pois: "ser poeta é saber abandonar a palavra", "deixá-la falar sozinha" (apud BURKE, 1992, p.61).

3. Considerações Finais

Para Combe, deve-se abordar a questão do ponto de vista dinâmico, ou seja, como jogo (2009-2010, p. 124). Esse parece ser o ponto principal e é o que nos interessa. Combe encerra seu artigo afirmando: "O 'sujeito lírico' não existe, ele se cria." À afirmação de Combe poderia se acrescentar que o sujeito lírico, a voz que fala, a voz autoral, o autor, não existe, somente se cria durante a escrita. Assim, o eu-lírico, como os personagens, é construção. Esse eu-lírico, que Combe prefere chamar de sujeito-lírico, assemelha-se ao autor, pois não existiria fora ou além da sua obra.

No caso da poesia, jamais é ignorada a presença e a ausência do autor, mediadas pelo eu-lírico, e não raramente surge uma confusão quando se procura o corpo da voz que fala por entre os versos de um poema – "a voz que não pode ser mantida em silêncio na morte" (BURKE, 2011) –, podendo até se (con)fundir com o ser vivente que escreve. Deve-se observar que não se trata de negar a vida do autor quando se fala em morte do ator. Essa morte refere-se à forma de ver o autor na circulação dos textos.

O ponto de vista provocado por Roland Barthes é a fuga da postura intencional do autor, a partir do alerta fornecido por Michel Foucault sobre o renascimento do autor, não mais como gênio criador, mas como uma função social e textual que embasa a relação de metáfora e corporeidade. O chamamento para esse morto/fantasma na escritura, que leva Barthes a retornar à questão, é feito por Foucault, em 1969. Michel Foucault profere, na Sociedade Francesa de Filosofia, a palestra intitulada O que é um autor? Para Foucault, o sujeito que se apaga/morre no ato de escrever renasce no texto. Agora sim, fica delimitado o espaço para o jogo da leitura, para o jogo de retorno do autor nas malhas das convenções linguísticas e artístico-culturais e para a imaginação do leitor. É na leitura que o autor morto volta como uma sombra ou como fantasma, pois retoma o corpo do texto, segundo Burke (1992, p. 25).

Sobre o autor, Barthes aponta o autor como uma figura moderna, um constructo, o qual tinha a necessidade de ser apagado para ressurgir na tessitura textual. O crítico ainda afirma que "Escrever é aquele espaço neutro, composto, oblíquo em que o sujeito se ausenta, a negativa onde toda



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

identidade é perdida, a começar pela própria identidade do corpo que escreve” (1995, p.125). Essa mesma ausência já havia sido preconizada e reivindicada por Mallarmé, Rimbaud, Valéry e Proust. Ou seja, o que vale é a língua que fala, não o autor. Mais explicitamente: a linguagem precede a todos os leitores; ela renasce no ato da leitura. Barthes sugere que o autor não pode necessariamente morrer, porque o autor é – sempre foi e sempre será – um fantasma.

Como exemplo, podemos analisar o poema abaixo do poeta brasileiro Manuel de Barros. Nesse poema, ele discute bem o ponto de nosso interesse, ao contrapor voz e corpo. O título do poema é inevitavelmente “Os dois”, pois refere a essa dualidade, que mantendo uma relação complementar, dá voz à poesia.

Os dois

Eu sou dois seres.
O primeiro é fruto do amor de João e Alice.
O segundo é lettral:
É fruto de uma natureza que pensa por imagens,
Como diria Paul Valéry.
O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu
E vaidades.
O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades
Frases.
E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.
(BARROS, 2010, p. 437).

Barros chama atenção para o fato de que o eu-lírico e o autor são seres diferentes, mas mantêm entre si laços de intimidade. Um precisa do outro. O eu-lírico, ou sujeito-lírico para Combe, é a voz que enuncia. Mas essa voz precisa do corpo do poeta, de suas experiências, mãos, olfato. Qual a natureza da relação entre ambos, podemos perguntar. Complementariedade parece ser a resposta. O eu-lírico é um eu que se constrói somente na materialidade do texto e é esse corpo, o corpo do texto, que nos interessa. É esse que tocamos com os nossos dedos.

O ato criativo de qualquer escritor, como na poesia manóelina, professa que “escrever é sempre uma ação (ou gesto, se preferirmos) que se dá, ao mesmo tempo, em dois sentidos: de fora para dentro e de dentro para fora” (CORACINI, 2010, p. 9). Amplia-se a perspectiva, pois “Toda escrita é inscrição de si”. (CORACINI, 2010, p. 9). A autora ainda nos lembra de que escrita significa um movimento simultâneo para fora (ex-scripta) e para dentro (in-scripta).

Aos nos depararmos com o texto, confrontamos com um corpo. Esse corpo textual traz voz e vozes. Somos enredados na teia textual, moscas de



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

ler. Aí há a chance de um mundo diferenciado, na verdade, o bicho do texto é uma sereia: jogamos e somos jogados para uma solidão no tempo. Nela, o fantasma do autor nos conduz e nos convoca.

O ato de escritura para Coracini é “cortar a folha (papel que é também vegetal...), levantar a pele das palavras, fazer incisões, cortes, enxertos, inserções de si no corpo estranho do outro”. (2010, p. 31) Tal corpo a autora define como “palavra, texto, que é sempre do outro e sempre meu ou de quem escreve, de quem assina, transformando, deformando, degradando, com legitimidade—afinal, o autor se sente dono da língua—o corpo ou o corpus (defunto, morto)”. (2010, p. 31) Portanto, o texto é o corpo, feito de tecido; enfim, esse é o único corpo do autor que interessa.

Sem dúvida que existe o autor-empírico ou pessoa, mas na poesia de Manoel de Barros, ou de qualquer outro poeta, é outro corpo, pois o eu-lírico que fala é uma construção. Do autor-biográfico ficaram os rastros, assim como quando uma lesma desliza numa parede ou na parede da página. O leitor apenas segue sua trilha, plena de ausência: local da morte do biografismo autoral. A tarefa, dessa forma, do poeta é como a rã e a poesia: língua criada em plena mutação metamorfoseada.

Referências

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Prefácio Leyla Perrone Moisés; tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BURKE, Seán. **The Death and return of the author**: criticism and subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.

BURKE, Seán. **The Ethics of writing**: Authorship and Responsibility in Plato, Nietzsche, Levinas (and Derrida). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

COMBE, Dominique. A Referência Desdobrada. O Sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. **REVISTA USP**, São Paulo, n.84, p. 112—128, dezembro/fevereiro 2009/2010.

ECKERT-HOFF, Beatriz; CORACINI, Maria José. (Org.) **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis